

A Moral na Perspectiva Antropológica

PROF. BRAZ RAMBO

Morality is often thought of as an amount of norms and laws which limitate the human behavior. In this way, instead of making man free for a dynamic progress, his liberty is cut down, he is being deprived from the possibility of structuring his own way in life and action. As a consequence, Conscience, which is the ultimate criterion of morality and of individual responsibility, lost its meaning.

The moral phenomenon grows out from the human nature itself. This is true from the analysis of the human nature, of the person and personality. Man and his innate trends under the anthropological aspect, are the absolute in morality. These innate tendencies are realized in the cultures in different stages of evolution through history. The moral values different in these different cultural situations do not automatically mean an absolute relativism, because man is always essentially the same, changing only his way of behavior according to the culture in which he lives.

If, on one side, there is a real danger of making everything relative, on the other hand, the danger of making absolute elements which are really relative, denies any change in moral values, taking away from man and from society what is more characteristic: the internal dynamics that impells him to a continuous perfection.

Introdução

O homem da era tecnológica assiste perplexo a uma série de fatos e fenômenos que o deixam inseguro e desorientado. As conquistas científicas e sua aplicação nos mais variados setores da atividade humana melhoraram sensivelmente as condições de vida e abriram e abrem sempre mais possibilidades para o futuro. Controlam-se cada vez mais as doenças, as perspecti-

vas de vida são ampliadas, exploram-se novas e desconhecidas fontes de alimentos e energia, as comunicações mais sofisticadas rompem as barreiras do isolamento geográfico, transpõem-se os obstáculos da gravidade e da circunscrição do homem à terra. Potenciais gigantescos de energia e de máquinas são armazenados para prevenir e repelir qualquer agressão entre sociedades em conflito. Todas essas conquistas mudaram

profundamente as perspectivas das civilizações atuais. O isolamento tornou-se impossível. As máquinas de propaganda e doutrinação martelam constantemente os indivíduos e as sociedades, insuflando velada ou abertamente novos valores, ideologias as mais desconstruídas e modos de viver nunca antes suspeitados.

A tecnologia acena com possibilidades que confundem os cérebros mais lúcidos e as cabeças mais frias. O homem e a humanidade estão sendo levados de roldão, numa vertiginosa mudança na maneira de ser e agir. Muito do que há cinco, dez ou vinte anos parecia seguro e estável, revela-se hoje como um tropeço ultrapassado. Estruturas sociais, políticas e religiosas entram em crise e colapso. Aos pessimistas e saudosistas foge o chão debaixo dos pés. Arremetem contra as realidades tecnológicas como se fossem os cavaleiros do apocalipse a varrer da face da terra um pseudo-paraiso acomodado e tranqüilo. A grande massa vive num clima de atordoamento, esforçando-se para sair mais ou menos airoso dessa situação incômoda. Tais atitudes seguramente não conduzem a um final aceitável. De um lado a tecnologia é um fenômeno irreversível e do outro uma era da história entrou em agonia.

Em busca de um ponto de apoio

Evidentemente esta situação transtorna qualquer tipo de comportamento. A garantia das instituições passadas acha-se à beira da falência e as novas esboçam-se apenas confusamente. Coloca-se então a interrogação crucial. Quais

os critérios válidos, ontem, hoje e amanhã que servirão de balizas para orientar de maneira segura o comportamento humano? O que é ético e moralmente certo ou errado, aceitável ou condenável? Para responder a essas perguntas, necessário se faz detectar o que realmente existe de permanente, estável e absoluto na história da humanidade. O que, afinal, permanece inalterado, sem jamais haver sofrido modificações essenciais? Qual a causa, o móvel e o fim das civilizações? A resposta parece óbvia: o homem.

Se tudo na história parte do homem, por ele é manobrado e se destina para o desabrochar de suas potencialidades e sua realização plena, é dele que promana em última instância o fenômeno moral. Que é o homem? O que nele é absoluto e permanente? Eis a questão!

O relativismo antropológico absoluto desloca o fenômeno moral para um plano meramente acidental e degrada-o a um instrumento para manter o comportamento humano dentro de um contexto cultural concreto. O absolutismo exagerado cai no equívoco oposto, atribuindo à essência da natureza humana modelos de conduta moral que não passam da expressão concreta de normas impostas em conjunturas sócio-culturais definidas. No primeiro caso é inútil falar em moral no verdadeiro sentido da palavra. No segundo a moral ocupa muitas vezes um lugar indevido, impossibilitando a sábia realização da pessoa humana. Encontrar o justo meio-termo deveria ser o esforço de cada homem consciente e responsável.

O Homem a razão de ser da Moral

Antropologicamente falando, o homem pode ser analisado em três níveis de perfeição: A Natureza humana — A Personalidade humana — A Pessoa humana.

A Natureza humana: A natureza humana compreende o homem na sua constituição básica. Relaciona-se com aqueles elementos integrantes sem os quais, ou abstraindo de um deles, já não se pode falar em homem. Basicamente se trata de sua composição biológica, psicológica e espiritual. Um indivíduo, portanto para poder ser classificado na espécie humana deve necessariamente apresentar um plano biológico, psicológico e espiritual numa unidade indissolúvel. Eliminando-se um, destrói-se automaticamente a natureza humana. Esse núcleo essencial não requer forçosamente a atualização nem parcial nem plena de suas potencialidades. Desta forma um feto, um embrião ou um demente, possuem o essencial à natureza humana. Falta-lhes, por uma razão ou outra, o desabrochar harmonioso e completo da personalidade e da pessoa. Eis a razão porque a maioria das instituições civis e religiosas os protegem com um equipamento legal minucioso e completo.

Essa concepção da natureza humana responde parcialmente à interrogação acima: O que é permanente e absoluto no homem? Basta ser homem, não importa a época histórica, nem a situação social, nem a identidade racial, nem o nível cultural, econômico ou religioso, para que todos tenham a natureza essencial.

A Personalidade humana: A personalidade, no presente contexto, significa o conjunto de características de comportamento de um indivíduo, dentro de uma estrutura sócio-cultural definida, ressaltando mais ou menos a originalidade de cada um.

Parece claro, que, para a plena realização, não basta possuir apenas os elementos essenciais à natureza humana em si. Ocorrem no homem normal tendências universais no espaço e no tempo, comuns a qualquer indivíduo e em qualquer situação histórica ou cultural. Entre outras destaca-se a sociabilidade, ou a necessidade de relacionamento com o outro ou com os outros; a sede insaciável de liberdade e felicidade; a religiosidade, ou o impulso de se comunicar com algo não material, para a solução dos problemas diante dos quais o equipamento material se mostra impotente; enfim, a dinâmica comum a todos os homens de um contínuo aperfeiçoamento e a aspiração profunda de realizar-se plena e definitivamente. Poder-se-iam talvez enumerar mais outras, mas em última análise incluem-se direta ou indiretamente nas mencionadas.

Encontramo-nos aqui novamente diante de fenômenos estáveis e universais. O caráter absoluto já não é tão radical, ao ponto de aniquilar a natureza humana, se falta um, como no caso anterior. Revelam-se, porém, inalienáveis, se quisermos que as potencialidades humanas se desdobrem plena e harmoniosamente. Como se processa este mecanismo?

Qualquer necessidade sentida pelo homem causa a preocupação

de atendê-la. Se há esforço para conseguir alguma coisa, evidentemente aquilo vale a pena, é apreciado; é valorizado. Jamais se valoriza o que não parece pagar a pena. A conclusão que se pode tirar deste fato é que, existindo tendências, necessidades e aspirações comuns a todos os homens, o comportamento individual e grupal, deles auferem em última análise a orientação. Nada mais representam do que os valores universais da cultura. Como então se explica a enorme diversidade do comportamento sócio-cultural ocorrido durante a história e atualmente ainda existente? Não há outra explicação além desta: Os valores fundamentais ou universais incarnam-se sempre num contexto concreto, revestidos de um número imenso de valores secundários ou relativos, que provam que cada indivíduo e cada grupo concebe de maneira original e própria o homem em si e a forma de atender às tendências e aspirações comuns a todos. Um exemplo para aclarar a questão: Qual a razão última das diferenças entre o liberalismo e o socialismo? É a valorização diferencial do homem. O liberalismo supervaloriza o indivíduo, protegendo a qualquer preço seus direitos. O socialismo empresta mais ênfase à dimensão social no homem. No primeiro caso o valor fundamental na sociedade é o indivíduo. No segundo empresta-se mais peso ao grupo. Quanto mais se valorizar o indivíduo tanto mais extremo será o liberalismo, com todas as consequências sociais, econômicas, políticas e religiosas decorrentes. Quanto mais valor se atribuir à dimensão social, tanto mais extremo será o socialismo, ao

ponto de degradar o indivíduo a uma simples peça da máquina social, política e econômica.

A personalidade molda-se exatamente a partir do esquema de valores aceito pelo grupo em que se encontra. A partir da aquilatação diferencial dos valores básicos e secundários é que cada grupo individual monta seus esquemas políticos, econômicos, sociais e religiosos. Uma legislação informal de costumes, normas e padrões e uma legislação formal de códigos, artigos e parágrafos garantem a uniformidade do comportamento.

E a moral, onde se localiza? O conceito corrente de moral significa um número definido de normas e leis que apontam ao homem o que é certo ou errado, correto ou incorreto, moralmente aceitável ou não. Qual a justificativa da moral? Não pode ser outra do que a válida nos casos anteriores. Dimana ou deveria dimanar direta ou indiretamente da necessidade do homem de aperfeiçoar-se constantemente até a sua completa e total realização.

Pelo fato de qualquer indivíduo se inserir, já antes de nascer, num contexto cultural concreto, e muito mais depois a personalidade vai-se moldando segundo os modelos de comportamento aceitos pelo grupo. Não se nega que haverá sempre uma maior ou menor originalidade na maneira de ser e agir do indivíduo, de acordo com a capacidade individual e o tipo de cultura. Naturezas mais independentes e dinâmicas, mais facilmente conseguem escapar parcialmente ao controle do grupo. Em culturas isoladas, de longa tradição, estabilizadas e em certos casos

completamente esclerosadas, pouca possibilidade sobra para a originalidade individual. O que vale de um sistema de comportamento como um todo, aplica-se também aos aspetos parciais, como a religião e a moral. Nesses casos, verifica-se gradativamente uma inversão fatal no que se refere aos valores, normas e leis. As normas e leis que deveriam ser uma consequência dos valores, tornam-se valores em si. Inúmeras vezes, os valores já não existem, mas as leis são mantidas em nome não se sabe de que e de quem. A personalidade é violentada por estruturas que intimamente a repugnam. O conflito é inevitável. Esse fenômeno assume proporções imprevisíveis nessa época em que uma era se aproxima do ocaso e algo de radicalmente novo está por nascer. A tecnologia revolucionária sempre mais as relações humanas, impõe um mundo de valores novos, como a eficiência, o trabalho, a competência, a liberdade, a responsabilidade individual, a autenticidade, a consciência como guia última dos atos humanos... Evidentemente, estes fatos reorientam todos os esquemas e instituições na formação da personalidade humana rumo à sua realização plena.

Não é que o homem como tal seja melhor ou pior do que em épocas passadas. Fundamentalmente persistem os mesmos valores universais. O que aconteceu, entretanto, é que sua maneira atual de vivê-los sofreu e sofre sempre mais a poderosa influência da revolução tecnológica em marcha. A personalidade define-se sempre mais pelos critérios da eficiência e competência pessoais e não pela estirpe,

classe social ou estrutura a que pertence. A consciência individual como último critério da moralidade substitui sempre mais a consciência grupal ou estrutural. A autenticidade toma o lugar da diluição do indivíduo pelo controle social. A liberdade de ação pessoal contesta violentamente contra o paternalismo e a imposição externa de estruturas inadequadas.

Não poucos enxergam nesses fenômenos uma caminhada inexorável para a anarquia social, política e religiosa. Nada mais incorreto do que tal perspectiva. O que ocorre outra coisa não é do que a necessidade de reorientação dos esquemas estruturais, reformulação de conceitos que nada mais dizem ao homem de hoje, desabsolutização de muita coisa realmente relativa. Necessário se faz destacar novamente o que é de fato essencial e imutável: O homem a caminho de sua realização plena.

A situação sócio-cultural da era tecnológica afirma-se radicalmente diversa daquela e em muitos pontos aparentemente contraditória daquela na qual nasceram e se estabilizaram as civilizações ocidentais. Do início do cristianismo até o século vinte a dentro, predominou uma mentalidade agrária. Uma mentalidade alimentada pelos valores característicos duma tal cultura: conservadorismo, paternalismo, autoritarismo, submissão às vezes cega, dogmatismo... A concepção e a formulação da moral se ressentem profundamente deste fato. Todo um arcabouço foi-se estruturando à base desses valores, desembocando não raro num moralismo estéril e contraproducente, a serviço de um minucioso controle

sócio-religioso, imiscuindo-se em assuntos privativos de outras áreas do comportamento humano. Em nome da religião e da moral mal situados, a consciência individual foi relegada a um plano totalmente secundário. O auto-aperfeiçoamento na liberdade dos filhos de Deus, tornou-se quase impraticável. Compulsando os manuais de moral tradicional, constata-se uma minuciosa codificação de tudo o que pode ou não pode ser feito, do que é certo ou errado, permitido ou não. Acompanha-os uma casuística tão extensa e complicada que se situa simplesmente fora do alcance da grande massa dos fiéis.

Logicamente, com a substituição de um esquema de valores por outro, o equipamento e o arcabouço sócio-religioso precisa reformular-se e reconceituar-se de acordo com a profundidade das mudanças. A falência é certa se tal não ocorrer. A moral em muitos casos imposta, deverá voltar a nutrir-se de sua fonte original: a Pessoa humana.

A Pessoa humana: Por pessoa pode-se entender aquele conjunto de forças que impulsionam o homem constantemente em busca de sua realização definitiva. Estamos diante de um fenômeno essencialmente dinâmico. Mal comparada a pessoa assemelha-se ao sistema de equilíbrio instável do organismo vivo ou das sociedades humanas em contínua busca da estabilidade sem jamais atingi-la. A dinâmica sócio-cultural nada mais é do que o resultado da dinâmica individual de cada um que a compõe.

Com essa cosmovisão humana o fenômeno moral vai explicar-se pelo homem em si, e nele o dina-

mismo do contínuo e ininterrupto aperfeiçoamento. Da natureza humana, uma folha em branco em termos de realização, passa-se pela personalidade caracterizada e muitas vezes limitada, agrilhoadada e encurralada pelo contexto social, cultural e religioso. Dever-se-ia chegar à pessoa com a suficiente autonomia para encontrar, no convívio com os seus semelhantes, a forma original de sua realização plena. Este objetivo ou este ômega pessoal situa-se evidentemente fora e para além de qualquer época histórica e qualquer conjuntura sócio-cultural-religiosa concreta.

Chegamos novamente ao ponto de perguntar o que é moral e o que é imoral? Imoral é o que impede e trunca a marcha da dinâmica pessoal e moral é o que auxilia e favorece ao homem caminhar livremente de encontro a seu aperfeiçoamento definitivo.

A esta altura coloca-se um paradoxo aparente. De um lado temos a pessoa essencialmente dinâmica. Do outro os esquemas sócio-religiosos que a limitam exatamente naquilo que lhe é mais importante na consecução de suas tendências essenciais. Não é possível abandonar o indivíduo a levar avante sua realização dinâmica, sem tomar em consideração os outros que o cercam e com ele formam uma comunidade de realização. Como cada homem, ao contrário dos animais, é único, original ou "um fora de série", cada história individual retém algo de original e que não pode ser imitado pelos outros. As estruturas sócio-religiosas deveriam preencher apenas a tarefa de servir de roteiro para que cada um se aperfeiçoe, respeitando

o aperfeiçoamento do outro ou dos outros que com ele formam a comunidade.

É aqui que se corre o maior perigo. Pode-se descambar facilmente num liberalismo moral que vai terminar na anarquia, quando em nome da pessoa se renega qualquer tipo de estrutura que a limita. A tentação do extremo oposto também é verdadeira. Montam-se esquemas que, com o correr do tempo, se fixam e erroneamente são considerados ideais e insubstituíveis. Perde-se não poucas vezes a perspectiva de que a pessoa é a causa e o fim das normas morais. O que deveria auxiliar, acelerar e orientar a dinâmica pessoal, transforma-se em limitação, impedimento e não raro na esterilização total da dinâmica individual. Quando um sistema atinge este ponto ele se torna manifestamente imoral. Se um mínimo de organização estrutural é indispensável para qualquer agrupamento humano, jamais se pode admitir que ele se transforme num fim em si, mesmo, onde a pessoa é manipulada ao sabor dos interesses, muitas vezes inaceitáveis, dos guardiães de tal organização.

É evidente que desta forma se cria uma situação de conflito permanente, entre o indivíduo e a organização em que vive. Pode-se dizer de antemão que este antagonismo aparentemente negativo não se solucionará por dentro de qualquer tipo de organização conhecida e a ser conhecida na história terrena das civilizações. A razão é simples. Esta vida representa apenas o início da caminhada de cada pessoa ao encontro de sua felicidade plena. A realização final

é uma meta que ultrapassa e se localiza fora e além de qualquer contexto sócio-religioso conhecido e a ser conhecido.

Conclusão

Pelo exposto acima, tira-se uma série de conclusões. A realidade tecnológica do mundo atual está a solapar e a desequilibrar as estruturas sociais, políticas e religiosas, colocando os homens, consciente ou inconscientemente, face a uma insegurança generalizada. No terreno religioso e moral este fenómeno assume proporções sempre mais profundas e radicais. Os valores humanos aceitos e cultivados durante dois mil anos, cedem lugar inexoravelmente aos novos valores da tecnologia. Os esquemas, as normas, as leis ético-morais consolidados durante séculos falam uma linguagem simplesmente incompreensível ao homem de hoje. Para muitos é o fim, o desmoronamento e a anarquia. Nada mais errôneo do que esta mentalidade apocalíptica. Necessário se faz indagar e descobrir novamente o que é de fato estável e absoluto e reconceituar tudo aquilo que está defasado e ultrapassado e redescobrir que o homem, como pessoa em permanente aperfeiçoamento, é esta balisa imutável e, portanto, a fonte e a razão do fenómeno moral. As estruturas como um todo ou elementos parciais das mesmas, que impedem a dinâmica da pessoa e dos grupos a caminho da realização plena e definitiva, são moralmente inaceitáveis.

A única atitude honesta diante das transformações que a era tecnológica traz como consequência natural, é assumi-las consciente e

corajosamente, abandonando tudo o que trava a realização da pessoa do homem atual, mesmo aquilo que se cultivava ou cultivou com tanto carinho e propor-se decididamente a prestar a colaboração positiva à nova civilização que se esboça, embora ainda de maneira

confusa. Quem não o fizer, por falso saudosismo, por achar que tudo vai voltar ao que era antes, ou por um motivo qualquer, corre o grande perigo de passar à história com a pecha de não ter sido capaz de interpretar os sinais dos tempos.